

# Das diferenças constitutivas

A recorrência de aspectos referentes ao desenvolvimento da sexualidade em outros trabalhos de Freud, exige-nos uma argumentação de que as hipóteses psicanalíticas são um recorte possível da dimensão psicológica que nos constitui. Não é nosso trabalho, por estratégia de pensamento, tomar a parte pelo todo, nem considerar as teorias freudianas como um conhecimento completo e global sobre a questão de gênero. Aliás, tomar Freud como explicação para tudo o que se pode chamar *subjetividade* é tão abusivo como negar-lhe a condição de, ao seu tempo e ao seu contexto, ter construído um discurso sobre o psicológico que pode surpreender por sua coerência interna e por afirmações que avançam, e muito, além dos discursos do século passado e deste (por que não?). Vide o simples fato de colocar num discurso que se pretendia científico, a homossexualidade, as perversões, os delírios e a própria sexualidade como derivações do que se viveu (como normal). Ora, é a pinçar esses aspectos para que possamos conhecer seu trabalho, que nos dedicamos no estudo do desenvolvimento da sexualidade, desde a infância.

Retomando a construção dos processos afetivos das meninas, como dissemos antes, podemos destacar que ele, Freud, afirma diferenciações de peso, na história da sexualidade de meninos e meninas. A começar pela duração maior e pela organização mais complexa do período de ligação à mãe, no caso das meninas, no início da vida. Também, a considerar as exigências de “mudança do próprio sexo” e do sexo do objeto de amor, no caso do Complexo de

Édipo positivo nas meninas, sobretudo em função do reconhecimento de um único órgão genital (o pênis) como universal (no traçado da anatomia dos sexos e seus destinos), durante os primeiros anos. Com e por tudo isso, a constituição de um superego mais flexível nas meninas, devido à ambiguidade das identificações e escolhas de objetos a partir da fase fálica, uma vez que o superego é concebido por Freud, como resultante das sedimentações de identificações cruzadas com as escolhas de objetos, herança da dissolução do Complexo de Édipo, acionando uma expressão de afetos mais livre entre as meninas até mais tarde na vida (o que seria muito fortemente “reprimido” nos meninos).

Tais diferenciações, havíamos nos comprometido a apoiá-las no conjunto conceitual de suas teorias sobre o psiquismo. Os conceitos de identificação, Complexo de Édipo e superego, são um arco que bem poderia dar sustentação às hipóteses sobre a sexualidade na infância, e seus possíveis destinos nas formações clínicas, no modo como as propõe em Dora, Homem dos Ratos, Homem dos Lobos e Schreber. Inclua-se que a dimensão inconsciente é uma hipótese que torna tudo isso... psicanalítico. A verdade que o discurso da psicanálise, por procedimentos e teorias, constrói.

## *As identificações*

O plural do subtítulo não é casual. Não por critérios de quantidade, mas sim de qualidade/diversidade dos processos psíquicos envolvidos na identificação primária e na secundária.

A primeira é condição fundamental de constituição de um si, de um eu, com base na imagem de um corpo inteiro. E disso tratamos no capítulo anterior. Não se constituiria uma dimensão psíquica da vida, sem esse suporte afetivo, do qual o próprio Freud falou pouco, mas que apontou como a relação de origem dos vínculos afetivos e/ou do investimento de libido em objetos.

A segunda, por sua vez, é abordada como desfechos possíveis para essa relação primária com os objetos, a partir do Complexo de Édipo.

No livro *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, de 1921 (Freud, 1921/1976), há um capítulo dedicado a falar do assunto. Em princípio, mostra-se nesse simples fato a importância conceitual (e, por tabela, psíquica) da identificação na constituição do ego.

De certo modo, o *A Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/1969) nos permitiria entrever uma explicação da identificação no seu modelo primário. Novamente, um trabalho que dá visibilidade ao ego, sua formação e seu lugar na vida psíquica. O que tem a ver o narcisismo com a identificação? Façamos, então, mais uma visita a ele (ao texto de 1914) para que se teça a rede conceitual. Conforme já dissemos, em outros capítulos deste nosso livro (vide cap. II), anuncia-se aqui uma grande virada de pensamento a respeito das pulsões. Passa-se a falar em *orientação* (que costumamos chamar de *vetoração*) da libido para o ego e para os outros (os objetos que o mundo lhe apresenta), e *não* pela *natureza* da energia que as põe em movimento (no caso da teoria, ao momento, libido sexual). Tudo com nascedouro numa instância, o ego, que passa a ser erotizada. Tudo também no interior de uma discussão com seguidores (Jung e Adler), em defesa da natureza sexual da libido. É este ego que, no confronto do corpo com o fora dele, expande-se indiscriminadamente sobre o mundo, alcançando seus objetos, sem qualquer distinção eu-outro. É a ação narcísica primária que nos põe em relação. Só depois de encontros mais ou menos satisfatórios, acontecem diferenciações. Daí, poderemos dizer que o narcisismo se torna condição de toda e qualquer relação. Porque, de um lado, deriva dessa direção da libido para fora, a constituição de objetos amorosos e, de outro, um dos destinos dessa orientação pode ser o ego, novamente (o narcisismo secundário). Pois bem. Esse escrito leva a considerar que identificações “de corpo inteiro” são o caminho tanto para o desenvolvimento do ego quanto da alteridade. Com sede na relação primordial com a mãe, e com direito a se repetir, no decorrer da vida, com outras pessoas.

É no capítulo sétimo do *Psicologia das massas...* (Freud, 1921/1976), no entanto, que trata diretamente do tema das *identificações* e o faz *da perspectiva da resolução do Complexo de Édipo*.

Inicia afirmando que a identificação é a mais remota expressão de um laço afetivo. E, com esse belo enunciado, atribui a força desse processo para a constituição da subjetividade, do sujeito (termos que ele não usa, mas que

bem podemos inferir). Prossegue, assinalando que, como tal, tem papel fundamental na história primitiva do Complexo de Édipo, prepara-o, na medida em que o menino toma o pai como modelo de o que quer ser “quando crescer”, e que isto não é, necessariamente, uma atitude passiva em relação a essa figura ou aos indivíduos do sexo masculino em geral; até porque resulta da grande batalha que foi lidar com amores, hostilidades e a preservação do próprio pênis (àquela altura de sua compreensão teórica, o falo). A identificação com o pai, quando consegue acontecer, baseia-se no medo da castração, em sentimentos hostis, que libera este serzinho para continuar amando a mãe.

São laços psicologicamente distintos esses de identificação e catexia de objeto. São desenvolvidos com duas figuras paternas diferentes, embora a finalidade de ambos seja garantir a amorosidade e a aproximação a elas.

Já sabemos como Freud concebe as dificuldades que a menina encontra nesses movimentos afetivos, mas também sabemos que, para ela inclusive, as finalidades desses dois tipos de laços são, em princípio, as de se manter no circuito amoroso.

Ambos os laços subsistem lado a lado, por certo tempo. Apostos e não opostos. Sem interferência mútua. Mas, no drama edípico, eles se articulam de alguma forma a determinar os caminhos da sexualidade. Pode acontecer de identificações e escolhas objetais não se fazerem conforme o padrão típico descrito no modelo, e uma identificação com a figura parental do mesmo sexo (“meu pai/minha mãe é quem eu gostaria de ser”) pode evoluir para uma vinculação de objeto com ele (meu pai/minha mãe é quem eu gostaria de ter).

\*\*\*

Cabe aqui uma interpolação.

Essa história assim contada parece tão parcial que nem mereceria nossa atenção. Ou nos conduziria a uma sensação de anacronismo absoluto. Mas peço que o leitor vá mantendo em mente que Freud, com um pé na anatomia e outro na imaginação, vai construindo uma perspectiva para pensar o que acontece com a cabecinha de uma criança, movida pelo prazer máximo nos genitais, enquanto convive numa família com os quadros daquelas que experienciamos e conhecemos no ocidente judaico-cristão. Este é, na verdade, *um*

mundo diante de tantas formas de cultura e civilização, de tantas diferenças sociais e desigualdades. Tem que se submeter a muita restrição, para poder caber no Édipo freudiano que carrega para seu âmbito processos importantes como parece ser o da identificação.

Com isto (e por ter isto) em mente, destacamos que o próprio autor segue, nesse mesmo texto, descrevendo como são as identificações nas formações neuróticas, na melancolia, na homossexualidade, nos grupos. São extensões do conceito que carregam suas marcas para onde quer que se vá. E, nesse caso, uma ressalva de dupla face: se consideramos como um recorte e um nível possível de tratamento das questões relativas ao desenvolvimento afetivo, faz sentido acompanhar o que nos diz o criador da psicanálise que até parece ter ouvido crianças deste e de outros tempos nas nossas formações sociais; se, no entanto, tomarmos a perspectiva como uma visão de totalidade não é de bom tom seguir pensando.

Readmitidas as intenções de método, vamos em frente!

## *O Complexo de Édipo*

Pedra angular da Psicanálise como saber, o CE (doravante, abreviação de Complexo de Édipo) é um conceito organizador de vários termos, nesse discurso; um organizador de sentidos inconscientes. O molde em que esses registros e seus sentidos se constroem é dado pelas evoluções do drama da sexualidade, em meninos e meninas, desde o berço até a possibilidade de substituir os “objetos diretos” da ação das pulsões, do investimento da libido nas figuras concretas de mãe e pai.

Em Freud, a resultante do CE é o complexo das identificações de papel sexual. É até onde ele chega com a questão de gêneros, diga-se de passagem, para que não se criem expectativas por parte do leitor.

Supõe repressão exemplar com efeitos para o resto da vida. E é por isso que se afirma que o CE é o núcleo das neuroses. Mais: que seu herdeiro é o superego.

Como relacionar o histórico (o drama) amoroso vivido no CE com as identificações e o superego? É o que detalharemos melhor, agora.

1. As identificações e as escolhas objetais vão se constituindo paralelamente, como processos psíquicos independentes, não se implicando, nos primeiros momentos da relação com o mundo, como excludentes. Até que os desejos em relação à mãe, se tornem intensos e o pai é percebido como obstáculo a eles. A identificação com o pai no caso dos meninos, conforme vimos, assume coloração hostil e se transforma em desejo de livrar-se dele. Daí em diante, a relação com o pai é ambivalente, traduzindo a ambivalência da fase oral e sádico-anal.
2. Por volta dos quatro anos ocorre, então, uma implicação muito especial dos dois processos: pela primeira vez, na história da criança, a identificação com alguma das figuras parentais se faz para que a outra seja amada e eleita objeto amoroso, objeto da libido. Ou seja, identifica-se com um para amar o outro. O conteúdo positivo do Complexo de Édipo seria, então, exemplarmente no caso dos meninos: atitude ambivalente em relação ao pai e relação objetal do tipo amoroso com a mãe, iniciando a dissolução do Complexo de Édipo.
3. Essa disjunção identificação/escolha objetal não é, no entanto, um processo simples. Primeiro porque toda identificação supõe a perda do objeto-alvo da libido: para que eu possa me identificar com alguém é preciso abandoná-lo como esse alvo direto, para *ser* esse alguém dentro de si, e ter o outro como o objeto. Além disso, essas perdas e preservações nunca se fazem completamente. Nem totalmente. Até porque, a perda de uma figura como objeto direto de investimento da libido, de amor, supõe sempre, em algum grau, uma possibilidade de retê-la, de internalizá-la, pela identificação. Se assim não fosse, teríamos:
  - No Complexo de Édipo positivo ocorreria a identificação com o do mesmo sexo e a escolha do outro sexo como objeto de amor.
  - No Complexo de Édipo negativo ocorreria a identificação com o do outro sexo e a escolha do mesmo sexo como objeto de amor.

4. Em realidade, no entanto, os complexos de Édipo frequentes são completos ou complexos, isto é, obedecem a uma curva de Gauss, tendo numa extremidade o complexo de Édipo negativo e na outra o positivo. O meio da curva é preenchido por um Complexo de Édipo negativo e positivo, com predominâncias conforme caminham para o polo positivo ou caminham para o polo negativo.
5. E, diga-se, para Freud todos esses processos de identificação e suas intensidades, bem como uma ação que se estende da filogênese à ontogênese, respondem pela bissexualidade como característica de todo ser humano, para além da primeira infância.

## O Superego

O resultado geral desse processo é a *formação de um precipitado no ego*, dessas duas identificações, relacionadas, de alguma forma, com as modalidades de escolhas objetais daí derivadas. Tal modificação (no ego) retém sua posição especial e se confronta com os outros conteúdos egoicos como um Ideal de Ego ou Superego (doravante, SE). Veja-se que, de pronto, não há uma diferença entre os dois termos/instâncias psíquicas.

O SE não é, no entanto, simplesmente um resíduo das escolhas objetais primitivas do Id. Ele é também uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. Ou seja: “Você *deveria* ser assim (como seu pai)” e, ao mesmo tempo, “você *não pode* ser assim (como ele), porque certas coisas são prerrogativas dele, só ele pode fazer”! Esse duplo aspecto se deve ao fato de ter que se reprimir o CE.

Digamos que esta não é uma tarefa fácil! O Ego infantil fortificou-se para a execução da repressão, erguendo esse obstáculo dentro de si próprio, como uma função que contraria seus objetivos precípuos de satisfação da pulsão, sob demanda do Id, a partir de que se constituiu e em que se diferenciou, pelo funcionamento com base no princípio da realidade. Para tanto, tomou emprestada do pai, por identificação, a força. Assim, o SE retém o caráter e a força do pai. E quanto mais poderoso for o CE e mais rapidamente sucumbir

à repressão, mais severa será a dominação do SE sobre o Ego, sob a forma de uma “consciência” ou de um sentimento de culpa inconsciente.

Em função dessa descrição da origem e das funções do SE, Freud fala que a fonte do caráter compulsivo dessa instância se manifesta sob a forma de um imperativo categórico, um *tem que* fazer/sentir/ pensar. Inclusive, esse é o caminho para que o ser humano lide com o longo tempo de desamparo e dependência dos inícios da vida, que caracteriza a espécie. E é por ele que se chega à possibilidade de religiosidade, de religião. Também, pela tensão entre a “consciência” e os desempenhos concretos do ego, é que se chega à censura moral e ao sentimento de culpa e, por eles e com eles, é que são possíveis os sentimentos sociais.

\*\*\*

É por essa configuração que o *superego assume o lugar de herdeiro do Complexo de Édipo*, a partir da segunda tópica do aparelho psíquico. Constitui-se, no mesmo ato, a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais poderosas vicissitudes libidinais do Id.

Parece contraditório? Mas não é. É paradoxal! E felizmente, pelo paradoxo, pela afirmação/positividade de dois opostos que, exatamente, podemos dizer que o SE é, até por sua intensidade e inversão de propósitos no caminho da satisfação, o representante do Id! É como se uma batalha moral continuasse aquela dos extratos mais profundos da mente que não se expira com a apresada sublimação e com as identificações que acontecem na dissolução do Complexo de Édipo!

No próximo capítulo, poderemos mostrar como todo esse quadro e essas tensões (pulsão/repressão) evoluem a partir de um pressuposto de constituição do funcionamento psíquico típico, até a entrada na adolescência, para a constituição das neuroses, em Freud.